

A ÁRVORE DAS PATACAS SECOU: O COMÉRCIO PORTUGUÊS EM BELÉM NO PRIMEIRO QUARTEL DO SÉCULO XX

MARIA DE NAZARÉ SARGES

INTRODUÇÃO

A árvore das patacas¹ secou! É emblemática esta frase colhida na *Revista Ilustrada Portuguesa* do ano de 1913 ao focalizar as principais indústrias do Pará, no sentido de lembrar que a borracha não era mais o *eldorado* amazônico. Agora sim, era o parque fabril de propriedade de portugueses que se apresentava como o mais importante e promissor empreendimento do Pará, ou melhor, de Belém.

A década de 1910 representou para a Amazônia o início de um período de crise na economia da borracha. Autores como Santos e Weinstein têm registrado em suas obras o quanto as cidades de Belém e Manaus sofreram com a decadência do comércio de exportação dessa matéria-prima. Contudo, “ninguém estava preparado para o violento mergulho que deu o mercado da borracha bruta nos meses restantes de 1910 /.../”.²

Observando esse cenário de decadência da exportação do produto então, como entender essa crise numa cidade em que o viajante francês, Jean de Bounnefous, ao passar por Belém, no final do século XIX, teria observado a dinamização da cidade, chegando a comparar Belém a Bordéus com “um movimento de veículos de toda a sorte, um vai-e-vem contínuo, que parecia mais um grande centro europeu do que uma cidade tropical”? Tratava-se de uma capital com inúmeras casas comerciais e casas de diversões como o *Café Chic*, o *Café da Paz*, local preferido pelos políticos, o *Moulin Rouge*, o *Chat Noir*, o *Café Madri* e o *Café Riche*, este último considerado um dos locais favoritos da sociedade paraense. Aliás, havia determinados locais da área central da cidade que eram comumente frequentados por intelectuais e por isso eram espaços marcados no cenário paraense.³

Tais locais são registros do fausto que tem levado os historiadores a repensar este período pós-1910, por ter se criado um discurso de que a crise foi devastadora para as cidades, como se nada tivesse sobrado daquela fase de crescimento econômico de Belém. Os literatos também registraram esse panorama de debacle gomífero, como Dalcídio Jurandir que pintou o seguinte cenário devastador:

1 Pataca – antiga moeda que valia 320 réis.

2 WEINSTEIN, 1993: 241.

3 Sobre esse período, ver SARGES, 2010.

A cidade exibia os sinais daquele desabamento de preços e fortunas. Fossem ver a Quinze de Novembro com os seus sobrados vazios, as ruínas d'A *Província*, os jardins defuntos, a ausência da cal e do brilho nos edifícios públicos e nos atos cívicos.⁴

Roberto Santos⁵ lembra que alguns autores como Le Cointe registraram que “nesse calamitoso ano (1913) desapareceram quase todas as mais antigas firmas da praça de Belém”⁶. A situação financeira podia ser medida pela redução de financiamentos às casas aviadoras, tanto que alguns desses estabelecimentos fecharam em decorrência da insolvência financeira. O governo do Estado, no período de 1913 a 1916, concentrou a sua preocupação no pagamento da dívida externa, mesmo que isso tivesse representado o sacrifício do funcionalismo público e de fornecedores do Estado. O governo de Enéas Martins considerava importante reduzir a dívida externa para adquirir credibilidade em futuras negociações de empréstimos.

Mesmo assim, o comércio continuava com pontos que refletiam prosperidade, como as casas de propriedade de portugueses e isso os colocavam numa situação privilegiada na cidade. Em sua passagem pela cidade de Belém, no ano de 1912, o espanhol Leopoldo D'Ozouville observou a hostilidade que os portugueses, os quais dominavam o comércio na cidade, tinham para com os espanhóis. Registrou que um espanhol, ao bater à porta de um português solicitando trabalho, foi escorraçado com um depreciativo “Vase embora, galego” (Vete fuera, gallego)⁷, numa clara alusão de que seu povo não era bem vindo na terra que os lusitanos consideravam, talvez, como sua.

Antes de apresentarmos esses estabelecimentos comerciais, é importante falar um pouco do local onde se localizava a maioria dessas edificações, o Bairro do Reduto.

O BAIRRO DO REDUTO: O BAIRRO DAS FÁBRICAS

Chamado inicialmente de Reduto São José,⁸ localizava-se em área próxima ao porto da cidade, e, de acordo com a Lei de nº 7.245 de janeiro de 1984, o bairro ficou configurado com as delimitações descritas a seguir. Tem como ponto inicial o encontro da Avenida

4 JURANDIR, 2004:63

5 SANTOS, 1980: 238.

6 Ver LE COINTE, 1922.

7 D'OZOUVILLE, 1916: 97.

8 Existia uma muralha às proximidades do Convento de Santo Antônio para servir de reduto à defesa da cidade, sendo chamado de Reduto de São José (séc. XVIII).

Visconde de Souza Franco, lado par; Rua Boaventura da Silva, lado ímpar; Assis de Vasconcelos, lado ímpar; linha seca do encontro da Av. Assis de Vasconcelos com a Av. Marechal Hermes; baía de Guajará margem oriental; linha seca da margem oriental da Av. Visconde de Souza Franco com a Av. Marechal Hermes.

A atual Rua 28 de Setembro é considerada a primeira rua aberta nesta área atravessada pelo igarapé do Reduto, sendo construída mais tarde uma doca, passando a ser conhecida como a Doca do Reduto. A finalidade desta doca era receber as águas pluviais que vinham do Largo da Pólvora (atual Praça da República), região central da cidade, que receberia o embelezamento na administração de Antonio Lemos.

Embora a cidade não tivesse uma área bem definida de fábricas, a região do Reduto, talvez pela proximidade do porto, era a que mais abrigava os edifícios fabris e comerciais. Segundo Trindade, o Igarapé do Reduto deixou de existir quando os ingleses o aterraram para a construção do porto de Belém, além de fazerem outras intervenções na área, por volta do ano de 1910⁹. Em razão da localização, o bairro era habitado por pessoas de várias nacionalidades, como lembra Osvaldo Orico em suas memórias:

Almocei no Restaurante Rui Barbosa e onde “seu” Tavares, um português pálido, de cabelo e grossos bigodes loiros, nos oferecia um bife com batatas mais saboroso, para o meu paladar daquele tempo /.../¹⁰

O escritor retoma suas memórias de infância ao voltar como “professor laureado”¹¹ e lembrar do “moleque do Reduto”¹² que “comia filhós nos tabuleiros que ficavam ali toda as tardes, ou seguindo os japoneses que chegavam do Oriente, carregados de brinquedos exóticos e engenhosos como eles”.¹³

A necessidade de um melhor aparelhamento da cidade para o escoamento da produção da borracha levou o poder público a promover melhorias no local que adquiriu uma característica bem peculiar em relação às outras áreas da cidade.

É importante destacar, portanto, que, embora hoje seja um bairro considerado decadente em razão do que representou no início do século XX, mesmo assim, ainda é

⁹ TRINDADE, 1997: 42.

¹⁰ ORICO, 1956: 79.

¹¹ Ao regressar a Belém, em 1928, Osvaldo Orico portava a primeira láurea concedida pela Academia Brasileira de Letras, o prêmio Francisco Alves.

¹² O autor conta que por morar no Reduto e estudar num colégio de meninos ricos e moradores de áreas nobres de Belém, o diretor e professores o apelidaram de “moleque do Reduto”, mesmo que se destacasse na arte da oratória.

¹³ ORICO, 1956: 81.

importante observá-lo em sua configuração atual com a famosa Doca de Souza Franco, lugar de elegante shopping, espaço de caminhadas e corridas dos moradores da área. Da Doca do Reduto só nos resta contemplar alguns vestígios que lembram as fábricas que mais se destacaram no cenário fabril da época.



FÁBRICA DE CORDAS & ANIAGEM

Reinaugurada em 1906, a Fábrica de Cordas & Aniagem, pertencente a Antonio Gonçalves Martins e Jorge Correia, estava localizada na Trav. Rui Barbosa, ocupando uma área de 5.280 metros quadrados. Essa fábrica foi inaugurada no ano de 1895 e por problemas financeiros foi fechada em 1902. Quatro anos depois foi comprada pela firma Martins, Jorge & Cia, passando à denominação de *Fábrica Perseverança*.

O maquinário foi montado por engenheiros que vieram da Europa. Os proprietários consideravam que era preciso implementar o desenvolvimento industrial, tanto que importaram dos principais centros os materiais necessários à produção, como sisal para a confecção de cordas, juta e cânhamo, para a confecção da aniagem, fio de vela e barbante, para o consumo interno e para a exportação. Exaltavam os proprietários a segurança das máquinas, indo ao exagero de dizer que não ofereciam perigo nem para as crianças. Também demonstravam que as cordas fabricadas eram de uma perfeição que rivalizavam com os similares estrangeiros.

O articulista da *Revista Ilustrada Portuguesa* encerrava a descrição da fábrica registrando que a "árvore das patacas secou agora só a inteligência impera", numa alusão à fragilidade econômica que representava o extrativismo da borracha. Os grupos econômicos assen-

tados no aviamento da borracha e na exploração da seringueira foram varridos do cenário de opulência, transferindo o seu capital e prestígio político para outros setores como o do comércio da castanha e o da exploração da madeira. Este cenário faz-nos lembrar duma passagem de *Belém do Grão-Pará* em que uma personagem dalcidiana comenta “É o que dá quando se vai atrás das tetas de uma *árvore. Mamasse nas vacas e não nas seringueiras. Pensava que a borracha esticava sem rebentar um dia?*”¹⁴

Socialmente, o cenário é bem difícil com a expulsão de um grande número de trabalhadores do mercado de trabalho vinculado à borracha, o que deve ter contribuído, em parte, para o acirramento das lutas políticas no Pará, culminando com a expulsão de um dos maiores líderes desse período de riqueza e *glamour* da capital paraense, o intendente Antonio José de Lemos, que administrou a cidade por quatorze anos.

A Fábrica de Cordas alcançou uma prosperidade tão grande que na década de 1950 chegou a utilizar uma área superior a quarenta e cinco mil metros quadrados, ocupando quarteirões que atingiam cinco ruas do bairro do Reduto (fig.1), além de ser agraciada com um Diploma em Exposição Nacional..



Figura 1. Complexo de Fábrica Perseverança

FÁBRICA DE CERVEJA PARAENSE

Em 1905, quatro empresários (Domingos Pires Barreira, Brasil Montenegro, Otto Fuerth e João Moreira Costa) se reuniram e fundaram a Fábrica de Cerveja Paraense (fig. 3), localizada na Avenida Independência (atual gov. Magalhães Barata), com 3.375 metros quadrados de

edificações. Empregava 140 homens, em sua maioria portugueses, sendo gerenciada pelo Visconde de Monte Redondo. Anualmente colocava 3.600.000 litros de cerveja no mercado. O maquinário foi fornecido pela firma alemã *Fabrik Germania de Chemmitze*, a matéria prima era importada da Bohemia (Alemanha) e da América do Norte. Produzia cinco tipos de cerveja: Pilsen, Vienna, Leão, Rio Branco e Portel, além de vários tipos de refrigerantes.

Os proprietários afirmavam que o produto rivalizava com o que melhor existia na Alemanha. O sucesso da fábrica foi tão grande que estes sofreram alguns dissabores em razão da campanha de difamação do produto produzido no norte do Brasil. Em carta dirigida aos jornais paraenses, reclamavam de representantes do sul do Brasil que faziam uma campanha desleal em relação à cerveja local, como pode ser observado na propaganda da (fig. 4).



Figura 3. Fachada do edifício da cervejaria

Nesta ocasião, julho de 1913, estava ocorrendo a Exposição Universal de Turim e o Delegado do Estado do Pará na Exposição, o Sr. Jaime Gama e Abreu, tomou conhecimento da nota e escreveu uma carta aos proprietários, solidarizando-se com os protestos e comprometendo-se levar tal fato ao júri. A *Revista* registra que Gama e Abreu solicitou ao júri da Exposição que fizesse análise mais acurada do produto paraense, considerando que sempre, neste quesito, eram as fábricas estrangeiras ou do sul do Brasil que levavam vantagem. A solicitação foi atendida, resultando na concessão do *Grande Prêmio* ao produto da Cervejaria Paraense..



Figura 4. Propaganda da Cervejaria Hanséatica

FÁBRICA PALMEIRA

Ocupando uma área em torno de quinze mil metros quadrados, a Fábrica Palmeira (fig. 5) estava localizada na rua Paes de Carvalho (atual Manoel Barata com a Rua Padre Prudêncio). Fundada em 1892, foi reconstruída após um incêndio ocorrido no ano de 1924, tendo empregado mais de quatrocentos operários de ambos os sexos. Era propriedade inicial de Manoel Francisco Jorge, Ignácio Marques da Cunha, João Marques da Cunha e Francisco José da Silva. Após três anos entrou para a sociedade o Sr. Antônio José Correa e, após algumas composições e reagrupações, a fábrica constituiu-se com a razão social Jorge Correa & Cia.

Premiada na Exposição de Turim, de 1911, com a Medalha de Ouro, foi também premiada nas exposições de San Diego, na Califórnia e em Milão, sendo considerada a melhor confeitaria de Belém até meados da década de 1970. Orgulhava-se em propagandear que fabricava macarrão em pacotes, sendo o único que rivalizava com a Alemanha.



Figura 5. Edifício da Fábrica Palmeira

FÁBRICA DE CHAPÉUS

Ao chegar a Belém, o menino vindo do Marajó não entendia porque a mãe não tirava o olhar de cima duma senhora enchapelada, fofa de rendas [...] Era possível que só olhasse para si mesma. Para o menino Alfredo, “as tantas rendas e o difícil chapéu davam-lhe um ar tão divertido, que fez o menino esquecer por algum instante o coco assando no sol”¹⁵. Assim, Dalcídio Jurandir retrata uma das cenas da chegada do menino do interior à cidade que ainda respirava o *glamour* do fausto da borracha. O que chamava atenção era o uso do chapéu pelas damas da cidade, encontrados em lojas localizadas na Rua João Alfredo, como a *Maison Française*, a casa de Mme. Russo, entre outras. Esse hábito europeizado inspirou a cidade a instalar algumas fábricas de chapéu para homens e mulheres (fig. 5), afinal fazia parte do consumo da população endinheirada que precisava exibir o seu requinte e poder.



Figura 7. Propaganda da fábrica Chapeus de Palha

CASAS CONSTRUTORAS

Ainda nesta primeira década do século XX, vamos encontrar empresas portuguesas dedicadas à construção. Ressalte-se que neste período encontramos na cidade duas casas construtoras que demonstravam vigor em seus negócios.

Uma delas era a firma “Manuel Pedro & Cia”, localizada na Rua de Bragança e na Travessa São Francisco (entorno do centro histórico) (fig. 8), e que oferecia serviços de carpintaria, ferraria, serralharia e marcenaria. Construiu vários prédios na cidade, dentre os quais a “Camisaria Paraense”, chegando a receber reconhecimento não somente nacional como também internacional. Foi premiada nas Exposições de Chicago, Turim

¹⁵JURANDIR, 2004: 93.

(nesta ganhou o Grande Prêmio), São Luís, Pará, Rio de Janeiro, Bruxelas (nestas três últimas Exposições ganhou Medalhas de Ouro).

CASA CONSTRUTORA DE SALVADOR MESQUITA & CIA.

Outra casa construtora, a “Salvador Mesquita & Cia.”, localizada na Travessa São Francisco nº 8 a 14, possuía oficinas de carpintaria, marcenaria a vapor, funilaria, serralharia, encaixões e também era do ramo de ferragens. Construiu inúmeros prédios na cidade, como o Banco do Pará, o Grande Hotel, a famosa casa de tecidos e miudezas “Paris N’América”, considerada o símbolo do luxo das elites paraenses, e o Cinema Olímpia (fig. 6), inaugurado em 1912 e ¹⁶ que resiste ao tempo, haja vista o seu funcionamento até os dias atuais.



Figura 10 Grupo de operários em frente à fábrica

Além das fábricas e das casas construtoras, os portugueses possuíam inúmeras casas chamadas de ferragens e miudezas, além de controlar um setor muito disputado não somente com nacionais, mas também com outros estrangeiros, como as casas bancárias, como a Casa Bancária Moreira, Gomes & Cia, que fazia transação de moedas, além de se dedicar ao ramo das ferragens.

¹⁶ Ver SARGES, 2010.

CONCLUINDO..

Considerando que esta pesquisa baseou-se, sobretudo na Revista Ilustrada Portuguesa, é importante registrar que era uma revista semanal com informes variados da atualidade da sociedade portuguesa e do mundo, os quais iam das notícias internacionais a propostas de lazer, do cotidiano, com ampla circulação em Portugal, na Espanha, nas colônias portuguesas e comunidades de imigrantes portugueses residentes em outros países. Em Belém possuía um grupo considerável de leitores, entre eles, muitos comerciantes e intelectuais.

Da consulta realizada entre os anos de 1910 e 1915 da Revista Ilustração Portuguesa, observamos que a ênfase dada às fábricas e indústrias de proprietários portugueses estabelecidas em Belém manifestou-se principalmente nas edições do segundo semestre de 1913, omitindo-se quaisquer informações antes disso e, posteriormente, fazendo-se apenas alusões imagéticas a comerciantes dessa colônia residentes na cidade.

Em um clima de prosperidade havia um considerável público consumidor de obras estrangeiras e nacionais. Os endinheirados e homens cultos da cidade embelezada pela economia da borracha eram ávidos consumidores dos produtos expostos numa das mais importantes livrarias de propriedade do português Eduardo A. Fernandes - a "Livraria Alfacinha", local onde se encontravam inúmeras publicações, entre as quais a *Revista Ilustrada Portuguesa*.

Vale considerar que os portugueses sempre estiveram presentes na economia da borracha. Tinham uma grande importância no setor comercial da cidade e com a expansão da economia da borracha foram consolidando os seus negócios e as suas fortunas. Eram donos de casas aviadoras graças ao seu pioneirismo na atividade mercantil. Essa experiência comercial levou-os a fazer inversões de capital nos setores de atividades urbanas, de negócios imobiliários, da construção naval de pequeno porte, da construção civil e de outros ramos da indústria. Lembrando o que Hobsbawm registra acerca das empresas da primeira metade do século XIX que eram financiadas esmagadoramente de forma privada com recursos familiares, em Belém, essas empresas portuguesas do período em foco, eram também basicamente, financiadas pelo capital privado. Desse modo, a crise da borracha não os surpreendeu, ao contrário, os beneficiou na expansão de suas fábricas.

Fontes

Revista Ilustrada Portuguesa, 1913.

Referências bibliográficas

HOBBSAWM, Eric, 2007. A era do capital, 1848-1875. São Paulo: Paz e Terra.

JURANDIR, Dalcídio (1909-1979), 2004. Belém do Grão-Pará. Belém: EDUFPA, Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa.

LE COINTE, Paul, 1922. L' Amazonie Brésilienne. Paris, A. Challamel.

MOURÃO, Leila, 1989. Memória da Indústria Paraense. Belém: FIEPA.

ORICO, Osvaldo, 1956. Da Forja à Academia. Rio de Janeiro, José Olympio Ed^a.

SOUSA, Rosana de Fátima Padilha de, 2009. Reduto de São José: história e memória de um bairro operário (1920-1940). Belém: UFPA/PPHIST (Dissertação).

SANTOS, Roberto Araújo de Oliveira, 1980. História econômica da Amazônia (1800-1920). São Paulo: T. A. Queiroz.

SARGES, Maria de Nazaré, 2010. Belém: riquezas produzindo a belle époque (1870-1912). 3^a. ed. Belém: Paka-Tatu.

TRINDADE Jr. Saint-Clair Cordeiro da, 1997. Produção do espaço e uso do solo urbano em Belém. Belém: NAEA/UFPA.

WEINSTEIN, Bárbara, 1993. A Borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850-1920). São Paulo: Hucitec/Edusp.